



# O Gaiato

27 DE DEZEMBRO DE 1969  
ANO XXVI — N.º 673 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## Trinta anos

Num mundo novo, que estremece ao ritmo da vida daqueles que o compõem — de que anda o homem em busca senão de si-mesmo?

A fome de se encontrar dinamiza-o. Leva-o a procurar em volta de si um sentido para a sua existência. As vezes encanta-se e ilude-se com as criaturas que ele mesmo fabrica..., mas não por muito

tempo! Só dentro de si-mesmo o homem pode encontrar-se, conhecer-se, saber e saborear o seu fim — e aí encontrará Deus, Único que, por sobre todos os reveses e contradições, nos conservará a alegria, a esperança, o são idealismo da nossa Juventude.

O homem que descobriu o seu rosto verdadeiro — imagem de Deus — vai descobrindo o rosto verdadeiro dos outros homens. O homem que entra em si, depressa é impulsionado a sair de si, mas não mais para caminhar ao acaso. Deus está nele, vai nele..., ao encontro de Deus nos outros, em quem também Ele está. O sentido da vida define-se. Ela é uma reunião fraterna alimentada pela circulação do amor: amor que brota do Pai para os filhos e é partilhado por eles em actos que são sempre troca, pois que todos recebem directamente do Pai para si-próprios e para transmitir aos irmãos. Esta reunião desabrochará eternamente na Casa do Pai, à Sua mesa, onde a satisfação, a felicidade não conhecem limites.

Pai Américo não inventou nada disto. Mas foi um filho extraordinariamente dotado pelo Pai para dar aos seus irmãos, que deu. Deu em linguagem simples, universalmente acessível; em gestos convincentes, vivos — deu do que lhe foi dado. (A fidelidade à Graça é o seu título de glória!). E os irmãos entenderam-no, receberam o seu dom e reconheceram nesse dom a origem divina — e dão graças a Deus. O homem que sabe receber, experimenta a necessidade de dar. De dar, primeiro, graças a Deus, Pai que não esmaça com o seu infinito poder antes atrai

enquanto revela o Seu coração manso e humilde e oferece um jugo leve e suave. E como a felicidade é comunicativa, o homem que se deixou encher, transborda e dá em alegria do que lhe foi dado.

A vida de Pai Américo, a sua Obra, é uma lição em simplicidade de vida destas realidades, tantas vezes desacreditadas por palavras sem con-

Continua na SEGUNDA página

## Campanha de assinaturas

«Como o homem é um ser interior», o êxito da «Campanha» — auscultada e meditada a opinião de todos os seus obreiros — transcende, de longe, a fria linguagem dos matemáticos.

Cada lista, missiva ou postal, mesmo entregas pessoais de novas inscrições, são mananciais de espiritualidade natalícia — actualíssima — que segura de pé o mundo dos nossos dias. Acção (e oração) constante, activa, frutuosa — é assim a «Campanha»!

### SOMOS POBRES

Vamos dar já a palavra aos leitores. A coluna é deles — e só deles — preciosos instrumentos de aceitação e difusão do Evangelho dos Pobres.

Aí temos Avança:

«Junto o boletim da Campanha. Tentei e consegui apenas três. Conseguia mais, mas não tinha confiança neles. Estes são poucos, mas certos. Somos pobres, somos irmãos

dos pobres. Pena é nós não podermos mandar muito, mas a boa vontade é tudo. Deus receba como se fôsse muito.»

Muito bem! E o resultado da sua Amizade será chama que vai abraçar muitos corações que se não dispuseram, ainda, por inércia, a lançar as redes. Mais; quando os Pobres tomam a dianteira, cuidado! a vitória é certa.

### UMA CRIADA DE SERVIR

É a hora dos Pobres! Estamos onde «O Gaiato» é luz e vida — objectivo primário da sua acção. E onde melhor se compreende a mensagem que irradia.

Ouçam esta voz da Figueira da Foz:

«Sou uma pessoa de classe humilde, ou seja, criada de servir; e, por isso, não sei

Continua na SEGUNDA página

## MALANJE

Que o Natal te console no aconchego dos teus; a tua árvore seja um borralho; e o teu presépio, se tiveres, traduza bem o teu amor, vivo e operante, aos outros. Os outros: que passam na rua, que vivem no teu prédio, que irei visitar na aldeia dos Leprosos para lhes entregar a comida, as calças e o vestido que mandarás.

Terás, talvez, brinquedos a mais para os teus filhos... Lembra-te da nossa família com falta de brinquedos para os mais pequeninos e de um rádio (como vamos ter luz...!)

X X X

Irei ao bairro da Maxinde por aquele rapazinho de cabelos grizalhos de que te falei. Virá outro de Carmona e outro da Gabela. Cada um — o menino Jesus — nosso presente de Natal. Vão sentar-se à nossa mesa; ter o nosso carinho. Só não lhes podemos dar o nome... Continuarão — «de pai incógnito»!

Há dias, um dos nossos, com 23 anos e a tropa feita, disse-mo — com o bilhete de identidade a queimar-lhe as mãos e as lágrimas a correr — que lhe custava muito...

Pelo menos o «nome»... não seria tão doloroso o abandono.

X X X

Continua na SEGUNDA página

CRUX STAT  
DUM MUNDUS  
VOLVITUR.



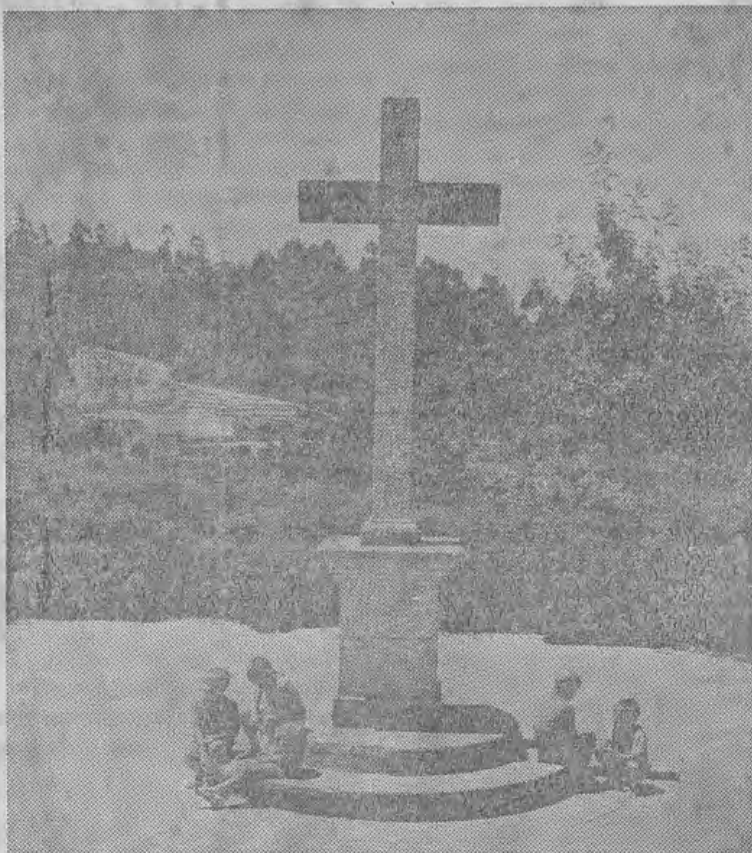
Oito dos nossos fizeram exame como adultos no princípio de Outubro. Passaram.

Ficamos felizes pela sua felicidade e pelo jeito que nos dá a sua presença no preenchimento dos quadros da nossa vida.

Na época escolar só sete tinham feito exame da 4.ª classe. Estes oito andavam na escola primária há sete, há oito e há nove anos!... Organizámos um curso de adultos. Irpunha-se. Pagámos a uma professora que foi dedicadíssima. Fomos a Setúbal buscá-la todos os dias, sujeitámo-nos a todas as burocracias que a organização do ensino exige.

Os rapazes tiraram: — fotografias (6 cada), certidão para bilhete de identidade e este bilhete. Abriram sinal no notário. Fizeram requerimento à Direcção Escolar. Reconheceram a assinatura. Muniram-se do atestado de residência e por fim pagaram cem escudos em selos cada um. Um dinheirão em papelada! Tempo imenso perdido! Os bilhetes de identidade a um mês do prazo tiveram de pagar

Continua na SEGUNDA página



Cont. da PRIMEIRA página

nada. Mas sei que os senhores me compreendem e desculpam, pois são humildes aqueles a quem servem. O fim da minha carta é este: Eu já há muito que desejo assinar «O Galato», mas não sabia como fazer até que o Senhor me trouxe a resposta, permitindo que eu comprasse o jornal no dia em que trazia o boletim para as assinaturas. Perdoem-me a carta ir tão cheia de riscos. Mas foi sono! Desejava passar tudo para outra, mas é-me impossí-

vel fazê-lo, pois não tenho tempo. Desculpem. Obrigado.»

Prezada Amiga: a sua atitude vai estremecer os leitores da Figueira. Sim senhor! E arrasta-os, com certeza, para o campo da batalha, consigo à frente — qual Padeira de Aljubarrota. Não duvido. De velha data, a Figueira é mundo conquistado pelo «Famoso». Mas, por lá, ainda há muita gente que o não comunga todas as quinzenas. Vamos prá frente, senhoras e senhores figueirense!

# Trinta anos

Cont. da PRIMEIRA página

teúdo — destas realidades fundamentais que, sabidas, queridas, vividas, só elas renovam o homem ao longo da sua vida sobre a Terra, conservando-o na alegria da sua juventude.

x x x

Trinta anos faz a «Obra da Rua» na próxima Festa do Santíssimo Nome de Jesus. Nas medidas de Deus um relâmpago... Nas dos homens, ela foi o fruto de uma geração que deu o melhor de si mesma e vai declinando.

Quem virá para nos render?... Parece-nos o Senhor um pouco

descuidado dos breiros em Seu nome, como se não soubesse que o homem nasce, ergue-se e luta, para se reclinar de novo e adormecer.

Mas Ele é a alegria da nossa Juventude — nós acreditamo-lo; experimentamo-lo. Até que mande novos estafetas, Ele não deixará cair das nossas mãos a flama do Seu amor.

Na simplicidade de uma vida que é incarnação da Sua Paternidade nos pobres limites dos homens que chamou, continue Ele a chamar os homens para a realidade fundamental do «amor em obras, em verdade», que só ele nos fará feliz na Terra e projectará feliz na Eternidade.

# Setúbal

Cont. da PRIMEIRA página

taxa de urgência, e, mesmo assim foi preciso telefonar, telegrafar e ir duas vezes a Lisboa para que no dia próprio nada faltasse. Tivemos de contar ainda com a boa vontade da Direcção Escolar de Setúbal e com o juri do exame, pois dois bilhetes só estiveram prontos no dia da prova oral.

Apeteceu-me tanto naqueles dias escrever uma carta aberta a quem tem a responsabilidade do ensino; contar-lhe as nossas necessidades e os sacrifícios que fazemos (os rapazes e eu) para podermos honradamente guiar o barco económico desta Casa. Falar-lhe daqueles operários que perdem uma série de dias, pagam a quem lhes ensina e se sujeitam a todas as

exigências para poderem ganhar o magro pão para a família. Nós ainda nos desmpeçamos no meio do emaranhado burocrático: Nas repartições há uma certa atenção e respeito por nós. — Mas pelos pobres, pelos ignorantes?...

Dos oito, que aceitámos neste selo familiar desde tenra idade; só um recebe dos cofres do Estado através do Albergue Distrital um subsídio de assistência.

Apeteceu-me contar a história de cada um deles! Abandonados pela sociedade que por desleixo, incúria e preguiça não organizou uma força de salvação capaz de socorrer a sua infelicidade!...

Falar-lhe do Cabeças que com 17 anos ainda molha a cama. Do seu atrazo. Do

# CAMPANHA DE ASSINATURAS

## ● CHEGOU ÁFRICA!

Os Portugueses espalhados pelo mundo levantam a mão. Chegou África! Presenças de Moçambique, África do Sul, Rodésia — e, também, de Angola. O começo! Na última edição o nosso Padre Manuel colaborou no incentivo. E fez bem. Os portugueses d'África precisam de ler e amar «O Gaiato» — para melhor conhecerem e compreenderem as nossas Casas de Malanje, Benguela e Lourenço Marques.

## ● LISTAS CHEIAS

Luta tremenda fazer uma síntese do movimento da «Campanha» — em função do espaço do «Famoso»! É que miro e remiro listas cheias de Coimbra, Porto, Lisboa, Vilar de Andorinho (que delicadeza!), Costa do Valado, Peniche, Setúbal, Amadora, Aveiro, Valadares, etc., etc. — e fico esmagado por tudo e por todos. Graças a Deus!

## ● NOTÍCIA OPORTUNA

Entretanto, porém, destaco um postal sucinto, da capital,

com notícia muito oportuna:

«Pedia o favor de me enviarem — pode ser no próximo jornal — mais um impresso para angariar assinaturas.»

Quer dizer, a assinante 7357 esgotou a primeira fornada! E Avelino despachou o impresso para a segunda, logo na volta do correio. E ainda temos mais e mais, para outros que apareçam com o mesmo interesse. Basta só uma apitadela. Sim; o impresso ajuda e esclarece — pela objectividade. E é prático. Por isso se lhe deu forma.

## ● SOU JOVEM COMO VÓS

A «Campanha» é factor de rejuvenescimento. Safu para a rua com essa intenção. Por isso, muito nos sensibiliza a presença da Juventude! Não falando já do cuidado de muitos pais em transmitir a mensagem do «Famoso» a seus filhos — um facto notório ao longo dos anos.

Ouçamos, pois, os mais novos, pela mão de Joana:

«Sou uma jovem como vós, e gosto que me ajudem quando preciso. Mas, como sabeis, as nossas possibilidades muitas vezes são limitadas.

«Hoje tive a ideia de que tinha possibilidades de me tornar assinante do vosso querido jornal. Porque, não o sei; mas sei que se Deus me deu esta ideia é porque a posso cumprir.

«Aqui me tendes, como uma

irmã, pois que todos o somos.

«Aguardo as vossas instruções, e desde já me ponho ao vosso dispor para o que for preciso e eu possa ajudar.»

O generoso espírito de doação dos jovens transparece, como é óbvio, no último parágrafo. Tem já uma resposta, prezada amiga Joana, no sentido de serviço que é marca da «Campanha». E a sua força de expressão, estamos certos, convence e anima outros e outros jovens a seguir as suas pisadas.

x x x

Finalmente, o Avelino revela que, até hoje, e desde o início da caminhada, vieram 494 novos assinantes. O que é muito bom!

Júlio Mendes



FILHOS DO MANUEL BARROS, ORA NOS ESTADOS UNIDOS.

# MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

Quando será: «Quem trata destes meninos? Os pais deles? Aquele deve ter frio. Tome este papelinho e passe pelo nosso Centro de Ajuda. Vá devagar que a estrada está molhada.» Mas não. Andamos irritados uns contra os outros. Chocamos, em vez de nos encontrarmos.

x x x

Continuamos a ter muitos amigos que nos animam e ajudam.

Assim: cá recebemos as roupas que mandaste. Da Fazenda Santa Cruz, alguns parafusos para a electrificação. Da Mabor, 2 pneus de camionete. Da Mobil, dois mil do costume. Da Maria de Jesus, de Luanda esta cartinha: — «Vão 3 contos que são o meu 1.º ordenado.

Peço a Deus que me ajude a saber utilizar bem os ordenados que irei ganhar e não a desperdiçá-los». Que o Senhor a ouça e ajude. Esta do casal Pinto: «Aqui vai este cheque de 5 mil com a minha participação habitual. Que o Senhor aceite esta oferta e a lance no meu livro de crédito, lá em cima.» Assim será.

Veio também o Sr. Abel A. Costa, de Luanda com 2 mil. Um amigo da Sonap com 300\$; em Malanje a Rex com 200\$; uma senhora na rua com 200\$; outra com 100\$; um com 50\$; e tantos outros com ajuda de toda a espécie, que sentimos correr cada vez mais o carinho pela nossa cidade.

Um senhor doutor em Salazar mandou mil escudos e o sr. Ribas 500\$.

Todos os dias pedimos a Deus por todos.

Padre Telmo



Padre Aclio

# TRIBUNA de Coimbra

Com mais três meninos-Jesus da cidade de Coimbra, chegaram também os primeiros presentes de Natal.

Eis o primeiro: «O vosso jornal que leio sempre, serve-me muitas vezes para meditação. Lamento que haja pessoas que o não leiam. Talvez certos bocadinhos lhes tocassem o coração.

«O Senhor concedeu-me a grande graça, de ter uma casa minha, onde habitamos já há sete anos. Como não tínhamos o dinheiro todo, ficámos a dever bastante, do qual pagamos juros. Mas como por graça de Deus, vamos abater dez mil escudos na nossa dívida, lembrei-me de lhe enviar esse pequenino óbulo para uma telha da nossa casa. Era para comprar o cortinado para o meu quarto; mas como 200\$00 não chegam... talvez aí faça mais jeito. Quando Deus quiser virá o cortinado.

«Que Deus nos ajude e dê saúde ao meu marido, para que ainda possamos dar uma casa para os vossos pobres.»

É de Coimbra. É de alguém que, embora escreva com erros ortográficos, escreve com alma cristã, aberta aos problemas dos outros. Quantos anos a juntar para sua casa? Mais sete a abater à dívida. Quantos faltarão para saldar tudo? Sete anos à espera do cortinado para o quarto e ainda desta vez ele foi para uma telha da nossa

casa. Sem cortinados somos capazes de ver melhor a vida dos irmãos. Através deles a vida não é tão verdadeira. Quantos se fecham por detrás dos seus cortinados?...

Com a esperança de pagar sua casa anda ligada a esperança de dar também casa a família pobre. Mais alma aberta, sem cortinados na frente.

Outro presente: — «O último número do «Gaiato deu-me dois empurrões. Sob os efeitos dum deles preenchi o cheque junto muito à pressa, não fosse o maldito egoísmo fazer das suas...»

«De há muito que a Obra do Padre Américo me conquistou, embora não tanto como seria para desejar. Mas só agora me disponho a auxiliar a Casa de Coimbra que talvez tenha mais direito à minha ajuda, visto eu ser natural do distrito e aí ter terminado os meus estudos.

«Mais vale tarde que nunca.» Veio do Porto. É uma lição. Somos quase todos assim. Com facilidade nos fechamos no nosso egoísmo. Temos necessidade de empurrões e, sob o efeito deles, andar depressa. O egoísmo fecha-nos e paraliza-nos. «Mais vale tarde que nunca.»

Eis uma lição de amor que o Natal nos trouxe.

Padre Horácio

Aqui vai um rosário de presenças, quase só de Lourenço Marques. Mesmo aqui, há tantos que ainda não sabem quem somos, o que queremos e as necessidades desta Casa! Em contrapartida temos recebido rapazes de todo o Moçambique, desde Tete e Macomia à Bela Vista. De muitos lados chamam pela nossa ajuda. É preciso também que os verdadeiros amigos se empenhem connosco.

A Casa Spanos quis fazer-nos uma surpresa e ofereceu duas máquinas planas de impressão para a nossa futura oficina de Tipografia. No ritmo que levamos nem daqui a seis anos será possível. A necessidade de acudir já hoje, aos que precisam e o saber que continuam, só porque há muita indiferença e egoísmo, não nos diminui a dedicação, mas abranda o entusiasmo. Todavia atitudes como a de Spanos remocam-no.

Nesta linha veio o Instituto do Trabalho com a oferta dos dois sistemas de solda para a nossa Serralharia. As máquinas da Carpintaria ficam em cento e vinte contos e vem Paço de Sousa em nossa ajuda, pois que além das Escolas estamos empenhados na electrificação.

Pedimos em várias Igrejas da cidade. De Malhangalene trouxemos 3.437\$70. Da Catedral 15.650\$00. Do Colégio Barroso 837\$50, calçado e roupas. Da capela do Pio XII 2.869\$00.

Mercearias, cadeiras e jornais da sra. que foi da Belegarde da Silva. Visitantes de Joanesburgo, roupas e cem. Por alma do marido, mobília de sala de jantar, mais cem. Concertos diversos de mecânica na Auto-Vianense e Auto-Globo. Trinta em cheque todos os meses. De jornais vendidos 33\$00. Mais trinta rands do

Estamos na quadra em que se renova o nascimento do Deus-Menino. Ora Ele veio libertar o Homem do mal e de todas as suas consequências. O egoísmo, a fome, a miséria, a exploração, as injustiças, os ódios, as violências, os atentados à dignidade da pessoa humana, o esquecimento premeditado ou inconsciente dos outros são sequelas do mal. Não pô-las a nú seria pactuar com o próprio pecado e negar também a libertação que Cristo, ao encarnar, pretendeu trazer ao Homem. Ora, se Deus quis libertar-nos, sujeitar os outros à escravidão será o pior dos pecados. Nada, pois, mais consentâneo com esta época festiva, do que meditar no significado da libertação oferecida e pôr em prática as medidas adequadas para sua completa realização. Os oprimidos ou os miseráveis, como os exploradores ou os egoístas, não são livres; eles vivem na maior das escravidões. Dissipar os bens escandalosamente será também duplo crime de lesa liberdade, da própria e da alheia.

P. S. - Recebemos umas joias. Não sabemos de quem. Obrigada.

Padre Luís

# LOURENÇO MARQUES

Manuel Pedreiro. Peditório em João Belo 3.000\$00. Do sr. Julião da Malvêrnia, agora muito feliz com um casinho que adoptou, mil por diversas vezes. De alguém, livros dos filhos dados para os nossos. Sócio do A. Teixeira na partida para férias, mil. Um fogão eléctrico na R. Serpa Pinto. Cruz da Beira soma 450\$00 em vales do correio. Cada um é uma oração. Seis mil não sei de quem. Deus sabe. E cem a pedir uma A. M. dos rapazes pelo marido que foi companheiro de Pai Américo. 500\$00 num sobrescrito azul. Centos de pães do Grémio da Panificação. Do Entrepasto todos os meses 500\$00 e cinco vezes mais da Fasol. São ajudas certas. Do Amigo do nosso Toninho, para cimento mais 3.000\$. Já deu umas camionetas dele, que agora é aplicado nas Escolas, ainda a meio caminho. De uma empregada do B. N. U. 500\$00. Brinquedos e material escolar de Georg Schroeder e Leidenberg. 800\$00 a pedir a Deus luz numa hora de aflição. Calçado e roupas de J. P. Castro. Idem na Farmácia Normal. Tão pouco que ali ter sido entregue e tanta vontade têm de nos ajudar. Carne do Talho do Choupal e adubo quase todas as semanas para a sopa. Cem quilos de açúcar da Sena Sugar. Um divã, roupas e 200\$00 de uma cursista. Mais um colchão de M. G. de Castro. Uma oferta de 1.500\$00 de mercearia nos armazéns Caramulo, deixada por um Amigo da A. do Sul. Empregado do A. Teixeira cem várias vezes. Mil para ajuda de ferro. Mais 60m3 de pedra para as Escolas. Que não se canse no dar, e bem haja. Um fogão a gaz de Xinavane.

Na Paróquia entregas da Permar e outras no valor de 1.083\$. Visitas com 100\$, 120\$, 1 rand e mais 20\$. Por alma de Guilherme 100 e roupas. 150\$ para Missas. 720\$, aumento de vencimento com pedido de uma oração para que continue a reinar a Paz no seu lar. Mais visitantes com roupa e cem. Senhora com uma pequenina, 300\$00. Um casal de visitantes com 200\$00. Igual das Irmãs do Abrigo dos Pequeninos, com um cartucho grande de reburçados. Uma camioneta de bananas da Cooperativa mandadas pelo Almojarifado. Um cheque de cinco mil de Mãe e Filha com um grande almoço e um dia feliz para todos os rapazes, na Catembe. Anónimo com 4.800\$00 entregues em Casa. 200\$00 idem e um saco com roupas. 300\$00 dum Cap. do exército, em visita com esposa e filhos. Mais 270\$00. Mil de uma promessa e a visita de um Prof. Universitário que nos quer ajudar. Mais cem e igual na Igreja da Polana e igual em acção de graças. Metade, idem de M. H. P.

Cinquenta quilos de arroz de P. Santos Gil. Ainda da Fasol óleo e bagaço. Da C. I. M. os costumados 20kg de aparas de massa e 50 de farinha. Dois mil esc. em segredo. Três caixas de milho-mel que tem feito a delícia do nosso café. No mesmo dia dois rádios de um motorista de praça. Uma embalagem com tónicos muito oportunos. Da Sociedade Agrícola do Incomati os costumados 50kg de açúcar para o café de todos os dias. A todos a nossa gratidão.

Padre José Maria

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

gera, sempre, um tufão interior! Exclamações, desabafos, esperanças ternura e carinho; amor difícil de transcrever — com receio, muitas vezes, de quebrar ou profanar a intimidade cristã.

**NATAL** — Dias antes da grande Festa levámos à residência de cada um dos nossos Pobres a tradicional Consoada: batatas, bacalhau, azeite, etc. etc.. Uma séria nutrita. E sobretudo de acordo com as possibilidades, presentes e futuras, da magra caixa da Conferência — aliada com a última remessa de doativos.

Comungámos mútua alegria. Foi um dar recíproco. Tanto na moradia dos que ainda conseguem mexer-se e rabiá, como na dum ou doutro que jaz entrevado. Em casos deste género a presença do vicentino

Este é o nosso Natal. O Natal Vicentino. O Natal Cristão. O Natal de todos os dias! Sim; enquanto houver famintos e diminuídos a promover, não importa o dia, ou a hora, é Natal. Se todos nos convencessemos desta verdade, no mundo que se diz cristão, a face da terra não seria o céu mas, com certeza, habitaria nela mais justiça, Caridade e a Fraternidade que o Senhor exigiu — e exige de cada um de nós. Esta a Mensagem do Natal, — sem a pintura polícroma e deturpada pela fraqueza dos homens.

Júlio Mendes



## Aqui, LISBOA

Mal havíamos escrito o último «Aqui Lisboa» quando nos chegou às mãos uma alocução de Paulo VI a mil membros da F.A.O. e a 4000 camponeses de Itália, em que, entre outras coisas, afirmou: «Mal daqueles que dissipam os seus bens e os seus lucros com despesas escandalosas, quer se trate de luxo ou de guerra... Mal dos que gozam egoísticamente as suas riquezas, sem terem o menor cuidado com os Pobres, e estes Pobres não são apenas pessoas, mas famílias, classes sociais, povos». E depois de relembrar «o grito» da «Populorum Progressio» acrescentou: «A todos, aos povos, aos ricos, aos produtores, aos responsáveis da política e da economia, aos jovens... dirigimos o nosso apelo a favor da Humanidade sofredora».

Para quem quer dedicar toda a sua vida à «evangelização dos Pobres, dos mais caídos e abandonados, nomeadamente a criança sem família ou em perigo moral e o doente incurável»; para quem escolheu, por vontade própria, «onde quer que esteja,

servir a Igreja em nome do Bispo e em união com Ele», sem qualquer espécie de alienação despersonalizante, ser «obediente por devoção»; para quem vê na Sé de Pedro a presidência da Caridade — as palavras acima referidas são um conforto e uma directriz. É que, como «Pai Américo», nós somos do Bispo e do Papa e sem Eles o nosso sacerdócio não teria sentido.

Por tudo o que acima dizemos e já temos escrito nestas colunas não descuraremos de denunciar todos aqueles que «dissipam os seus bens quando há tantos povos com fome» e quando ao nosso lado se nos deparam as situações mais aflitivas. Não podemos calar a incoerência ou insensibilidade de alguns, quando pretendem, em nome da caridade, justificar «desperdício público ou privado», nunca em proporção aos fins apregoados, antes com manifesto desprezo dos Pobres e das necessidades prementes da maioria, num procedimento pleno de «escândalo intolerável».

# AGORA

Vamos, pois, encerrar esta saída da Procissão com o desfile das casas a prestações. Mais uma vez, os últimos são os primeiros. O que se espera é que não esqueçam as considerações que abrem esta coluna na derradeira saída de «O Galato»; e que adiram; e que ajudem a tirar o maior fruto possível dos seus sacrifícios, ainda que tendo que renunciar ao gosto de um nome.

A Casa Ascensão, do rosário das ditas, levou três pedras de 1.500\$00. Se Deus quiser acabará este mês, para dar lugar à da descida do Espírito Santo.

A seguir a «Mãe que crê em Deus» com duas boladas de 100\$00. E agora a Alice da Casa de Santa Filomena com três «gotinhas» de 100\$00. A 4.ª e 5.ª prestação para a Casa José Carlos. Esta mensagem tão rica de amizade e de visão cristã da nossa passagem nesta vida:

«Meu Rev. Amigo.

Permita que assim o trate,

pois lembramo-lo muitas vezes à volta de nossa Cruz — os filhos.

E enquanto não nos é possível fazer a nossa, dado que os nossos escudos são absorvidos integralmente na formatura e formação dos nossos 4 filhos, e às vezes a dar um pequeno empurrão aos dos outros, mando-lhe a quarta pedra para a Casa Sagrada Família.

Será que para o ano poderemos processar mais rapidamente o envio das restantes pedras? Guarde-o Deus.

Romeiro do Porto».

A Casa de N. S. da Boa-Hora subiu mais uma fiada de 500\$. E as contas que propõe parece que dão certas com as nossas — diz o Júlio.

O meu «Desconhecido», que tantas vezes tem batido à porta do nosso Lar, fê-lo uma vez mais e deixou 3 contos para a Casa Maria Santíssima e mais o seu voto: «Sei pelo «Galato» que as tabuletas com os nomes das casas são um

encargo que pode ser dispensado. Inteiramente de acordo. Tenho ainda em construção as Casas de S. Nicolau e de S. Carlos. Também para estas dispense as placas. O que conta é a intenção e o óbulo. O resto é nada ou «quase».

Viva o meu «Desconhecido» e no entanto tão conhecido no Coração de Jesus.

Cinco contos — 1.ª prestação para a Casa do Sagrado Coração de Jesus. 1.600\$00 de Maceira-Liz. 4.000\$ de Isaura Maria. Menos mil, de promessa, para a Casa de N.ª S.ª da Conceição. Assina uma «Espanhola». 200\$+250\$ para a Casa do meu Pai. Mil para a Casa Alda e António.

Respondemos a A. A. D. A Casa Mário e Adorinda, pelas nossas contas está em 7 contos.

Com mais 3 mil, a Casa de S.ta Terezinha perfaz a quantia de 27 contos.

C., que apenas conheço de voz, pelo telefone, já tinha mandado 3000\$00. Com mais 20 contos agora recebidos, conclui a Casa Abel e Maria Ermelinda.

Mais 10 contos «para dar um empurrão ao conjunto de três casas sob a designação de Jalusu e iniciar uma 4.ª casa, passando a somar num só grupo que terá a denominação de Jalusuca». A posição actual do conjunto é de 17.500\$00.

que não ouviu os rogos de uma mulher prestes a ser mãe e fecha a porta, pelo menos aparentemente sem remorso. Queríamos nós proceder de maneira bem diferente. — Se eu vivesse nessa altura em Belém — dirá tal homem ou tal mulher sentimentais — se eu vivesse nessa altura em Belém Jesus teria uma casa para nascer. O Mestre disse um dia: Quando exercestes as Obras de Misericórdia com os mais humildes, foi a Mim mesmo que o fizestes; mas quando negastes socorro aos pobres foi a Mim que fechastes o coração. Nós, crentes, que hoje nos não importamos que os nossos irmãos tenham uma casa para nela nascerem as crianças, quando deixamos sem o menor remorso, que famílias e famílias vivam em barracas que não são mais confortáveis nem mais próprias para se nascer e para se viver que o curral, onde nasceu Cristo, fazemos o que fizeram os habitantes de Belém, aumentando, porém, muito a nossa responsabilidade, porque nascemos depois de Cristo; temos os seus ensinamentos, o seu exemplo, a sua Graça. Levantemos presépios ao Menino Jesus, mas levantemos também casas para nelas nascerem os seus irmãozitos pobres.

(Toda a correspondência para Auto-Construção, Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

## Aviso muito importante

Continua em revista o ficheiro dos leitores de «O Gaiato». Tanto quanto a vida permite e em função, também, da malta disponível para a tarefa. Motivo: a legião de assinantes que não satisfaz o seu livre compromisso d'ordem material — o pagamento das anuidades.

Avelino está na mesa e passa fichas uma a uma, como em peneira. Verifica lançamentos. Confere d'olhos abertos. E os caloteiros (Há quem se ofenda por qualificativo tão inofensivo e brincalhão?) e os caloteiros, dizia são intercalados com um postal-aviso — lembrança claríssima, acessível e delicada — que, registado o nome do infractor, segue rumo à casa, por intermédio dos C. T. T..

Embrenhado no meu trabalho ouvi, entretanto, um ah! estridente. Alvorço geral. Parei eu. E parámos todos. Fomos ver. Era uma senhora de algures, sem notícias há 21 anos!! Gera-se controvérsia. Uns que sim, outros que não. A maioria — refilona — opta por medidas drásticas. Peço calma. Mas não me seguro! Rapo de caneta e papel e volto ao meu lugar. Debruço-me, então, neste recado sobre o joelho. Velho recado que se repete há mais de 21 anos!

Somos, neste aspecto, o mais livre dos jornais livres!... Se no topo, porém, vai registada a importância de 1\$00 por exemplar é só para cumprir preceitos da lei. Para mais nada. É que — todos sabem — jamais exigimos anuidades fixas. Cada um desobriga-se como, quando, se puder. Prin-

cípio que nasceu e vive arraigado ao «Famoso» — a sua glória.

Ora esta modalidade, talvez única, talvez pouco vulgar, tem um benefício que supera a perfeição aritmética, diríamos de gestão comercial, que mantém de pé os órgãos da imprensa. É a confiança. A comunhão de vida. E de sentimentos. Enfim, uma comunhão de Amor.

Sucede a muitos que, por razões plausíveis, não podem desobrigar-se. Uns comunicam. Registamos na ficha o paga quando, como e se puder, de Pai Américo. Outros calam-se. Não dizem nada. Recebem uma chuva de postais ao longo dos anos!... E é pena. Tanto que na redacção da próxima edição de avisos incluiremos uma chamada nesse sentido muito esclarecedora.

Mas aquela ficha, 21 anos em branco, e quejandas, supomos deve ser outro problema. Gente que muda de residência e não pede mudança d'endereço — ou esquece-nos. E de gente, também, que falece e os sobreviventes não se lhes dá passar recado — por desinteresse. É pena. Mas é verdade.

Vão seguir mais postais-aviso para as senhoras e senhores assinantes caloteiros. A época é propícia para acerto de contas — estamos no fim do ano... Que todos, todos, compreendam o nosso procedimento. E, para já, ao menos saibam que de cinco em cinco meses só em papel de jornal desembolsamos cinquenta contos. Não contando o resto. Que não é pouco!

JÚLIO MENDES



Levantemos presépios e... casas! Jesus nasceu num verdadeiro curral de animais. Belém fechou as portas a José e Maria. Falta de habitações já nesse tempo? Ganância? Receio de um incómodo que sempre acarreta um nascimento? Fosse como fosse as casas de Belém fecharam-se, ou melhor fecharam-se os corações dos seus habitantes e Jesus nasceu nos arredores, num curral de animais. Na Basílica da Natividade, em Belém, encontra-se ainda hoje, a gruta em que, segundo a tradição antiga e constante, Jesus nasceu. Foi sobretudo a partir do século VII que se começaram a multiplicar os presépios e as representações dos animais, assim como dos pastores, a acompanhar a imagem do Menino Jesus. S. Francisco de Assis tornou estas representações populares. Ele mesmo, na companhia de seus

multidão de povo, celebrou no bosque de Greccio a noite de Natal com Missa solene, diante dum grandioso presépio armado no meio das árvores. Hoje não há aldeia por mais modesta que seja que não tenha um ou vários presépios arranjados segundo os gostos mais diversos. Jesus nasceu em Belém e Maria, segundo o Evangelista S. Lucas, «enfaixou-o com panos e reclinou-O num presépio». Não sabemos muitos pormenores da infância e juventude de Cristo, mas temos conhecimento muito provável que Jesus, Maria e José, indo viver para a sua cidade, viveriam também na sua casa. Quando lemos a narração do nascimento de Jesus comovemo-nos e como que quereríamos viver nesse tempo para emprestarmos a nossa casa a Nossa Senhora e a S. José e aí pudesse nascer Jesus. Estranhámos aquela atitude negativa da população da cidade



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Visado pela Comissão de Censura



Quando estas notas saírem vivemos ainda a Festa do Natal. E tenho uma notícia para dar. Com os últimos retoques, quase no fim, temos o edifício das escolas pronto a funcionar. São três salas. Mais uma dos professores. A carpintaria e serralharia andam de volta das carteiras. Tudo feito pelos rapazes.

Há dias, um grupo deles, ao passar em frente grita: «São as escolas mais bonitas de Benguela». Achei graça. Eles são sensíveis à beleza. Deixam-se arrastar por ela. Sobem. Educam-se por ela.

Respondem, deste modo, aos que se admiram de edifícios tão bons para gente desta.

Há ainda outra notícia. Vão ser lançados os alicerces da primeira Casa de habitação. São três, com dois pisos, cada. Chegou o hora da primeira. Pai Américo escreveu: «As obras vistas à luz sobrenatural da Fé, não projectam sombras, nem oferecem dúvidas, nem causam receios. Também não sofrem programas e resistem a orçamentos». Guiados por esta luz, caminhamos em frente.

Padre Manuel António